



**Joao Paulo Rodrigues**

**A IMPORTÂNCIA DO NEGRO NO PORTUGUÊS  
BRASILEIRO**

**Lavras – MG**

**2021**

Joao Paulo Rodrigues

# **A IMPORTÂNCIA DO NEGRO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da Universidade Federal de Lavras, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientador (a): Mariana Aparecida de Carvalho

**Lavras – MG**

**2021**

### **Dedicatória:**

Dedico esta etapa concluída a Tia Dida, minha mãe, Ilda Rodrigues da Silva(in memoriam), que tudo fez para que eu me tornasse gente, uma pessoa melhor, abdicando de seus sonhos e vontades, me criando com um grande carinho maternal.

## **Agradecimento**

Agradeço a Jeová Deus por ter-me cuidado de mim, sustentando-me nos momentos que mais precisei.

Agradeço a minha mãe por ter sempre se sacrificado, dando-me sempre mais do que eu merecia.

Agradeço ao amigo Isaías Gonçalves Dutra (in memoriam) e sua esposa, Maria Silvana Martins Dutra, grandes incentivadores do meu ingresso à vida acadêmica, que há muito tempo proporcionaram o meu primeiro contato com a vida acadêmica, despertando em mim o desejo de trilhar o caminho da carreira docente.

Aos meus amigos de faculdade, na pessoa de Carlos Antônio Pinto por serem um baluarte, nestas idas e vindas, ao campus de Campo Belo e colega constante nas atividades que podíamos realizar em grupo.

Agradeço aos motoristas desconhecidos, que por piedade ou outro sentimento nobre, conduziu-me em segurança ao polo de Campo Belo, seja eles caminhoneiros, carros de passeio e motoristas que levavam pacientes nesta cidade.

Agradeço a tutora Risianne e a tutora Patrícia, pelo constante cuidado e apoio sempre presente nas minhas muitas necessidades.

Agradeço a secretária do curso, Fernanda Ortiz Pinto Machado, que sempre foi de grande ajuda em meus momentos de dúvidas e necessidades.

Agradeço aos professores e tutores; foram imprescindíveis em me ajudar a realizar este grande sonho.

Agradeço a tutora Mariana Aparecida de Carvalho, este ser maravilhoso que o Criador pôs em meu caminho, orientando-me na elaboração deste meu trabalho. Que Deus a abençoe cada dia mais e lhe conceda as melhores primícias em tua vida.

Agradeço às professoras Mauriceia Silva de Paula Vieira e Roberta Guimarães Franco Faria de Assis, que gentilmente aceitaram fazer parte da banca que avaliarão este meu trabalho, abdicando de seus compromissos profissionais e pessoais, completando minha alegria em apresentar este TCC.

Agradeço a todos os que de maneira direta ou indireta me ajudaram a chegar ao final desta caminhada. Que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó os proteja e cubra de bênçãos.

## **Resumo**

O trabalho ora desenvolvido visa discorrer sobre a importância da etnia negra na formação do Português do Brasil. O objetivo da presente pesquisa é mostrar, sucintamente, como se deu o processo dessa contribuição na formação linguística do povo brasileiro e os muitos reflexos positivos e negativos dessa mistura de falares, explicitando os primórdios do preconceito contra os negros africanos, até a contemporaneidade. O trabalho fundamenta-se na pesquisa qualitativa, apoiando-se na revisão bibliográfica de vários autores, tais como Bagno, Lucchesi, Muniz, Nascimento e Pinsky, que trazem dados e informações acerca do processo de contato do português com as línguas originárias da África. Apontar-se-á a reação dos negros hodiernos quanto ao processo de imposição linguística, trazendo à discussão o que se tem produzido no meio acadêmico por pensadores e estudiosos afrodescendentes brasileiros sobre a valorização do falar do negro. Após análise dos contatos linguísticos desde o período Monárquico até os dias atuais, apresentam-se as possíveis perspectivas, graças ao engajamento social e político adotado por pesquisadores/educadores nacionais e negros na luta contra todas as formas de racismo, incluindo o linguístico, trazendo um maior respeito àqueles que ajudaram a construir o Português Brasileiro.

Palavras-chave: negro; português brasileiro; línguas africanas; fala; preconceito.

## **Abstract**

This project aims to discuss the importance of blacks in the formation of Brazilian Portuguese. The objective of this investigation is to explain, briefly, the process of this contribution to the linguistic formation of the Brazilian people and the many positive and negative consequences of this mixture of languages, explaining the beginnings of prejudice against black Africans, especially linguistic prejudice. The work is based on qualitative research, supported by a bibliographic review of several authors, such as Bagno, Lucchesi, Muniz, Nascimento and Pinsky, who bring information and data about the process of contact between Portuguese and languages from Africa. The reaction of today's Afro-Brazilians to the process of linguistic submission will be pointed out, bringing to discussion what has been produced in the academic environment by Brazilian Afro-Brazilian thinkers and scholars about the valorization of Afro-Brazilian speech, the promotion of racial literacy and the eradication of linguistic prejudice. After analyzing linguistic contacts from the Monarchy period to contemporary times, possible perspectives are presented, thanks to the social and political engagement adopted by national and black researchers/educators in the fight against all forms of racism, including linguistic racism, bringing a greater respect to those who helped to build the Brazilian Portuguese.

**Keywords:** black; brazilian portuguese; african languages; speech; prejudice.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	08
1 CONDIÇÕES DE VIDA DOS NEGROS.....	11
1.1 CONDIÇÃO DE VIDA DO NEGRO DESDE SUA CHEGADA ATÉ O SÉCULO XIX.....	11
1.2 CONDIÇÃO DE VIDA DO NEGRO APÓS ESCRAVIZAÇÃO E EM TEMPOS CONTEMPORÂNEOS.....	15
2 O USO DAS LÍNGUAS AFRICANAS NO PERÍODO MONÁRQUICO.....	21
3 A INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES LINGUÍSTICAS.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	36

## INTRODUÇÃO

O Português Brasileiro, língua<sup>1</sup> falada e escrita no Brasil, foi formado pela aglutinação de vários outros idiomas, tendo como característica escrita e fala diferentes e únicas quando comparado com o português falado nos demais países e territórios do globo.<sup>2</sup> O objetivo do presente trabalho é mostrar como o Português Brasileiro se tornou esta língua diferente das demais formas utilizadas fora do Brasil, graças à utilização de muitas palavras oriundas das línguas nativas dos povos escravizados, em destaque as línguas dos africanos cativos, bem como a posterior e gradual mistura dos falares de seus descendentes nascidos nesta ex-colônia de Portugal, outrora cativos e livres, com os demais idiomas que circularam e ainda circulam neste país, devido à miscigenação e circulação de diferentes idiomas no Brasil. Delimitaremos esta pesquisa apenas sobre os aspectos morfológicos, mostrando como a aquisição vocabular oriunda dos povos negros escravizados, vindos do continente africano, conseguiu diferenciar, influenciar e mudar o falar e escrever de toda uma nação. Não se tem o objetivo de minimizar a participação de outros povos, tais como os indígenas, na construção do idioma falado no Brasil. Opta-se exclusivamente em evidenciar como os povos negros tiveram essa participação expressiva em moldar a maneira de se comunicar do povo brasileiro.

Para tanto, no Capítulo 1, apresenta-se dois subcapítulos, dividindo a realidade do negro entre antes e depois da escravização. Não se deseja que as informações apresentadas neste capítulo venham desviar o foco principal do trabalho, o que seria prontamente aceito pela Linguística Histórica, uma vez que se torna necessário trazer à baila como se deu o processo de apatriamento dos povos cativos em nosso país. É pertinente e necessário o reconhecimento da história destes povos, visto que a etnia negra, segundo senso, ultrapassa a metade dos povos do país. Assim, no tópico 1.1 discorreu-se sobre a natureza social dos povos negros que aqui aportaram, trazendo informações sobre as formas de tratamento empregadas, a fim de fazê-los trabalhar em terras brasileiras. Além das comparações sociais, trouxe à baila a condição de alimentação, moradia e que já não é objeto de desconhecimento da grande maioria da população nativa que vive no século XXI. Conhecer como iniciou-se o

---

<sup>1</sup> Língua é uma linguagem verbal, que é constituída por palavras que são utilizadas por uma determinada comunidade. É uma convenção social constituída por signos linguísticos (significado: conteúdo em si; significante: sons), proposta por Saussure

<sup>2</sup> São os seguintes países que falam português: Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Portugal, Timor Leste, Macau. Em cada país o português tem suas peculiaridades e formas próprias de utilização.

preconceito linguístico para com o negro, quando trazido cativo, é necessário para o entendimento de situações análogas que teimam em acontecer na contemporaneidade.

A explanação destas informações traz, também, uma maior aceitação e valorização do vocabulário afro, que é falado no país e que muitos sequer se atentam de onde surgiu. A explanação acerca da condição de vida dos africanos e seus descendentes mostra-se necessária, sendo uma preparação, um subsídio, um pano de fundo para melhor se delinear o tema o qual se propôs tratar. Em sequência, temos o tópico 1.2, no qual faremos uma breve síntese acerca das condições de vida dos negros, desde a abolição da escravatura ao fim do século XIX. Discorreremos, também, sobre a situação do negro na contemporaneidade, fazendo uma síntese, um breve apanhado sobre mais de um século de rompimento dos trabalhos forçados. Veremos que a escravização, da maneira como nos foi apresentada, nunca mais voltou a ocorrer, mas que seus reflexos ainda permeiam a sociedade brasileira de uma forma velada, de forma muito bem sutil ou, muitas das vezes, quase imperceptível. Conhecer a história dos povos outrora cativos desperta o desejo de conhecer e usar cada vez mais as palavras que estão no cotidiano dos falantes do português brasileiro.

O Capítulo 2 abre a questão que permeia o objeto desta pesquisa, passando a mostrar, de maneira objetiva, como houve a mistura linguística dos povos, como o falar do branco, representado pelo colono, sofre mutações devido ao contato<sup>3</sup> linguístico entre os povos vindos da África e vice-versa. Não obstante, é necessário que crie um adendo: O contato com a fala de seus escravizadores fez com que os negros escravizados perdessem grande parte de sua identidade linguística. A simples imposição da língua (esquecendo por um momento os flagelos físicos, morais e psicológicos) por parte do dominador, obrigando o negro cativo a usá-la, a todo momento, quase suprimiu de vez esse vocabulário. Tal forma violenta de subjugação, impondo-lhes uma nova língua e desestimulando, ferrenhamente, as línguas nativas africanas, fez com que muitas palavras usadas fossem esquecidas e perdidas no tempo, pois não havia a preocupação de registrá-las.

---

<sup>3</sup> Línguas de contato ou Contato linguístico “[...] é o fenômeno social e linguístico pelo qual falantes de diferentes línguas (ou diferentes dialetos da mesma língua) interagem entre si, levando a uma transferência de características linguísticas. [...] O contato com outras línguas e outras variedades dialetais de uma língua é uma fonte de pronúncias alternativas, estruturas gramaticais e vocabulário.” O negro trouxe as várias línguas faladas na África, foi forçado a falar o Português da colônia, inseriu palavras do seu idioma nativo e ajudou a formar o Português Brasileiro. *O que é contato de idioma e como ele influencia a mudança de idioma?* Greelane, 2020. Disponível em: <<https://www.greelane.com/pt/humanidades/ingl%20aas/what-is-language-contact-4046714/>>. Acesso em: 20 de nov. de 2021

A dominação linguística por parte do homem branco, colono, deixou poucos resquícios do falar dos primeiros negros que aqui estiveram. Assim, há o outro lado da história, que não se pode conhecer, devido à falta de registro. Mas há também um porém: analisando apenas a linguagem e esquecendo-se as marcas que o processo de escravização deixou, houve ganhos linguísticos para os negros e seus descendentes. Houve uma interação linguística, como nos faz refletir o autor de **Casa grande e senzala**, conforme veremos a frente. As diferenças exibidas no português brasileiro, deve-se, em sua grande parte, ao uso das palavras importadas dos povos escravizados, o qual trata esta consideração (e demais povos, citados anteriormente). Tais palavras deste português, local, exclusivo e único em todo o globo, passa a delinear esta influência, sobre a qual se debruça este trabalho. Dar-se-á um vislumbre aos processos linguísticos que passaram a ocorrer pela aproximação de línguas e etnias neste país, usando a ótica de Gilberto Freyre, visão bastante contestada entre os historiadores, por trazer uma visão divergente do processo de escravização aqui no Brasil e, conseqüentemente, do processo de formação linguística brasileira.

Por sua vez, o Capítulo 3 mostra os fenômenos linguísticos que ocorreram na língua portuguesa, valendo-se da presença dos povos africanos. Compreender-se-á a origem de um falar mais simples, às vezes tido como errado, e a riqueza de uma profusa e exuberante variação linguística presente neste país. Ainda dentro deste capítulo daremos destaque ao posicionamento de linguistas e professores negros que passam a despontar no cenário educacional brasileiro, discorrendo sobre o racismo linguístico que sempre existiu e que hodiernamente vem sendo discutido nos meios acadêmicos por educadores e pensadores pretos, afrodescendentes e que passam a emitir suas visões e vozes acerca do processo de escravização e também usurpação e menosprezo das línguas africanas na construção do Português Brasileiro e o que se pode fazer para barrar o preconceito e o racismo linguísticos e desenvolver o letramento racial.

## **1 CONDIÇÕES DE VIDA DOS NEGROS**

Os africanos escravizados foram trazidos cativos, do continente africano, trazendo toda a sua cultura e maneiras de trabalhar, bem como uma maneira de ver o mundo. Pinsky (2020, p. 23) informa que os negros, antes livres em seus países de origem, chegaram ao Brasil com a finalidade de prestarem serviço escravo, juntamente com seus descendentes, chamados de ladinos, para os latifundiários e outros serviços compulsórios. Desse modo, faz-se necessário discorrer sobre a condição de vida dos negros e de seus descendentes enquanto cativos; bem como apresentar uma rápida visão das condições dos negros libertos, após o término do processo escravagista (novo cenário após abolição da escravatura, no fim do século XIX), findando sobre os reflexos deste sistema escravagista na condição de vida dos afrodescendentes nos dias de hoje.

### **1.1 CONDIÇÃO DE VIDA DO NEGRO DESDE SUA CHEGADA ATÉ O SÉCULO XIX**

De acordo com Pinsky (2020 p. 28), o comércio e a escravização de africanos eram realizados por mercadores, também negros, de diversas tribos, que vendiam tribos rivais, subjugadas, ao perder o combate, para quem quisesse e pudesse comprar. Acontecia em muitas partes do continente africano, muito antes da chegada dos navegadores portugueses, no século XV, e os cativos eram vendidos a muitas partes do globo, levando-os a trabalhos forçados. Os compradores de escravos da Coroa Portuguesa, ao comprarem tais escravos negros, trazendo-os para o Brasil, iniciam um período que duraria quatros séculos, até o fim do processo de escravatura. Muitos ficavam por dias e semanas esperando, trancafiados, por um novo destino que seus conquistadores deveriam segregá-los. O comércio de escravos para as Américas e especialmente ao Brasil mostrou-se bastante sólido entre europeus e africanos.

Continuando a descrição da viagem, Pinsky (2020) discorre explicando que esta era realizada em navios que tinham a capacidade de trazer entre trezentos a quinhentos escravizados, em embarcações com uma degradante condição, onde os condenados ao degredo não conseguiam ficar de pé, amontados uns sobre os outros, sem nenhuma possibilidade de uma higiene básica, restando, aos amontoados, fazerem suas necessidades fisiológicas naquele mesmo local. Durante quarenta e cinco a sessenta dias, em consequência da falta de ventilação, contraíam várias doenças, entre elas, escorbuto, em decorrência da falta

de vitamina C. O autor supracitado diz “A travessia não era, à época, cruzeiro de luxo para nenhum viajante. A fome, a sujeira, o desconforto e a morte eram companheiros de viagem dos negros.” (PINSKY, 2020, p.37. Grifo nosso).

Cerca de um quarto dos escravos morriam em viagem, devido a contendas tribais, doenças e até mesmo por suicídio. A falta de água tratada e em quantidade satisfatória, mesmo também para os da tripulação, e uma ínfima ração composta por farinha e carne, que era servida uma vez por dia e na proporção de uma palma fechada, acaba por lhes minar a dignidade, a saúde física e até mesmo a saúde mental.

A construção de um modo de viver fora de suas origens traz consequências diretas que afetam na saúde mental, as diferenças sociais e culturais impostas pela migração de fuga, muitas vezes aumentam a possibilidade de as pessoas desenvolverem um transtorno que pode variar de uma depressão leve a um transtorno psicótico grave. (ALLELUIA, 2014)

A vida do negro em sua nova morada consistia apenas em trabalhos, com raros momentos de descanso. Instigados a trabalhar nas lavouras monocultoras, tais como cafeeiras, no cultivo da cana-de-açúcar, em fazendas que somente prosperaram devido à ignominiosa exploração de uma mão de obra agrária que já havia desenvolvido aptidão para com a terra, em detrimento dos povos indígenas, que se mostravam nômades, não se adaptando bem com o trabalho escravo de lavrar o solo e serem escravizados. Ao negro não foi possível manifestar a sua opinião acerca de sua vinda. Esclarece-se que tais etnias<sup>4</sup> foram simplesmente conduzidas, tocada, não exercendo o seu tolhido poder de decisão. O relato passa a descrever:

Nada mais equívoco do que dizer que o negro veio ao Brasil. Ele foi trazido. Essa distinção não é acadêmica, mas dolorosamente real e só a partir dela é que pode se tentar estabelecer o caráter que o escravismo tomou aqui: vir pode ocorrer a partir de uma decisão própria, como fruto de opções postas à disposição do imigrante. Ser trazido é algo passivo - como o próprio tempo do verbo - e implica em fazer algo contra e a despeito da sua vontade.(...) a ausência de mão de obra em escala suficiente, obediente e de baixo custo operacional, para que o projeto da grande lavoura se estabelecesse adequadamente. Se essa mão de obra fosse uma mercadoria em cima da qual os mercadores pudessem ganhar, comprando barato e vendendo caro melhor ainda. O negro foi, portanto, trazido para exercer o papel de forma de trabalho compulsório numa estrutura que estava se organizando em função da grande lavoura. (PINSKY, 2020, p. 23)

---

<sup>4</sup> No Continente africano existe várias etnias, cada uma com sua língua e costumes. No Brasil, por causa da mistura entre negros escravizados, passaremos a considerar apenas uma etnia, resultante deste processo de mistura, doravante chamada “etnia negra”.

Quando aportavam em seus destinos, recebiam um tratamento para parecerem com saúde e fortes; sendo besuntados com óleos e davam-lhes bebidas alcoólicas para lhes dar ânimo e uma falsa disposição. Mesmo aqueles que, por ventura, estivessem doentes, eram arrematados e o comprador cuidava do escravo, a fim de que melhorasse, no intuito de vender por um preço melhor e ter lucros. Somos informados acerca das condições precárias que o negro escravizado passava, quando chegava nos locais de venda de escravos nas palavras de Van Deursen:

Assim que chegavam ao Brasil, eles eram postos em quarentena, a fim de evitar mais perdas por doenças. E, para causarem boa impressão, submetidos à engorda e besuntados em óleo de palma, que escondia feridas e dava vigor à pele. Faziam exercícios para combater a atrofia muscular e a artrose. Depois, seguiam para os mercados de negros da cidade, como o Valongo, na Gamboa, região central do Rio de Janeiro. De cabelos raspados, velhos, jovens, mulheres e crianças eram avaliados pela clientela, que apalpava dentes, membros e troncos. (VAN DEURSEN, p. 2017)

Existiam os escravos ladinos, que por terem aptidão para vender e negociar eram incumbidos de realizar vendas de doces, fabricar utensílios domésticos, tomar conta de estabelecimentos comerciais para seus senhores, dentre outras atividades. Esta atividade vai de encontro a imagem que se construiu ao longo dos anos de que o escravo teria apenas aptidões agrícolas e que somente era usado em latifúndios ou em propriedades rurais menores.

Durante os anos finais do colonialismo e a implantação do Império, culminando na implantação da República, havia escravos que trabalhavam dentro das casas dos senhores e exercendo atividades em que se fazia necessário ter a confiança daqueles que eram seus donos, tais como domésticos e barbeiros. Quando o proprietário tinha muitos escravos ou não tinha como cuidar de todos, alugava o trabalho do escravo para outras pessoas e o próprio escravo também recebia uma pequena parte do dinheiro, usado para comprar coisas para si ou guardado para comprar sua liberdade, conhecida como alforria. Tais escravos seriam conhecidos como escravos de ganho e eram comumente vistos nas ruas movimentadas da metrópole.

Os povos africanos aportaram em nosso país com o único intuito de compor uma numerosa força de trabalho, nos mais diversos rincões desta nova terra. Outrora reis, rainhas, príncipes e princesas, desembarcaram numa terra trazendo toda a sua culturalidade e também sua maneira diferente de se comunicar. Oriundos de diferentes partes do continente africano, sendo capturados, comprados ou trocados por itens de valor pelos próprios africanos, de tribos e clãs diferentes, os escravizados traziam consigo diferentes línguas que causariam estranheza

a seus adquirentes, os quais viriam a ser conhecidos por “seus donos”, “seus feitores” e “seus senhores”, fato que levou a serem chamados de “sinhô” pelos negros cativos.

Com a mescla das línguas dos africanos cativos com a língua portuguesa falada neste período, foi-se desenvolvendo uma nova linguagem, de forma gradativa, diferente da então conhecida, falada pelos portugueses europeus. Esta linguagem única, diferente, bastante peculiar, foi se desenvolvendo com o passar dos anos, abarcando palavras também de muitos povos, mas de sobremaneira africanas, tornando-se o que conhecemos hoje, chamado de Português Brasileiro. Mesmo sendo algo novo para os colonizadores e que para estes soassem como algo anormal e afrontoso, tais singularidades é o que conferem ao Português do Brasil a sua diferença como língua, e é mister destacar que toda as culturas africanas, com seus costumes ritualísticos, toda sua dança, sua musicalidade e demais aspectos constituíam a maneira de ser do africano, tendo uma forte influência na língua do país (vide anexo A).

Segundo Pinsky (2020), os modos de vida listados acima e que grande parte possuíam palavras específicas para tais manifestações, foram considerados como ofensivos aos costumes da sociedade da época, branca, católica e que prezava pelos costumes incorporados pelos portugueses e que vigoravam, fortemente, na colônia, entrando em choque com a cultura dos africanos cativos que chegaram aqui. Pinsky nos faz saber que os patrocinadores da escravização negreira, a saber, a Coroa Portuguesa, europeia bem como seus descendentes, nativos brancos, nascidos aqui e donos de terras cultiváveis, num primeiro momento achavam que estavam realizando um favor a Deus em trazer para si supostos “inimigos de Cristo”, escravizando-os e tentando fazê-los abraçar a fé cristã, forçando-os a se batizarem. Toda esta divergência cultural culminou num esforço de suprimir as línguas africanas. Garaes (2012) nos faz saber que “os escravos [...] ao chegarem ao Brasil, eram logo separados do seu grupo linguístico e cultural africano e misturados com outros de tribos diversas para que não pudessem se comunicar.” Neste aspecto temos outros esclarecimentos:

As comunidades negras no Brasil foram formadas em meio à desagregação familiar resultante do tráfico e às adversidades da vida escrava. A condição escrava dificultou a formação e consolidação de famílias e comunidades, já que amigos e parentes podiam ser separados pela venda para proprietários diferentes. [...] É evidente que a vida sob cativeiro criava sérios entraves à formação de famílias. A tendência do tráfico de importar mais homens do que mulheres dificultou a formação de casais. Ou seja, havia muito homem para pouca mulher nas senzalas. A condição escrava dificultou também a consolidação de famílias e comunidades, já que amigos e parentes podiam ser separados pela venda ou decisão dos senhores de alocá-los em propriedades diferentes e distantes. (ALBUQUERQUE e FRAGA FILHO, p. 96, 98)

Ainda que “os senhores” estivessem empenhados em suprimir a resistência dos escravizados negros, proibindo-os de falarem as línguas através das quais outrora se comunicavam, não os deixando viver a sua cultura e tradições, não lograram êxito, visto que, ao cair da noite, amontoados em senzalas, podiam se reunir e conversar nas línguas matrizes, de modo a perpetuarem os costumes que diuturnamente eram fustigados a apagar. Entravam em contato com os preceitos e valores que eram impingidos a adotar, porém lutavam para preservar sua cultura.

Séculos sob a escravização, os lados envolvidos, dominadores e dominados, acabaram por adquirir expressões e costumes próprios da etnia a qual estavam expostos, isto é, acontece a miscigenação dos povos. É importante salientar que outros povos tiveram uma participação neste processo, a saber os povos indígenas. Devido a esta constante aproximação, entre brancos, negros e índios, nasceria uma nação única e ímpar, com grande pluralidade de etnias, tons de pele e multiplicidade de culturas. Com o término da escravização física do negro, o qual fora feito da noite para o dia, mesmo que muito trabalhado, esperado e defendido, a sociedade brasileira do final do século XIX exibia essa transformação e propensão à mistura de etnias e fusão de costumes.

## **1.2 CONDIÇÃO DE VIDA DO NEGRO APÓS ESCRAVIZAÇÃO E EM TEMPOS CONTEMPORÂNEOS**

Após a abolição da escravatura negreira, e também com a implantação da República, na vida do negro não houve uma grande melhoria como queriam os que eram partidários do fim da escravização. Antes alimentados, ainda que muito mal e sofrendo indizíveis maus tratos, os negros recém libertos não mais teriam algumas das suas necessidades mais elementares e básicas supridas, ainda que de forma tacanha, realizadas, muitas das vezes, com muitos abusos. Com o fim da escravização, o negro não era mais tido necessário (substituído pelos imigrantes europeus, mais interessante após a libertação), sendo deixado à revelia, não tendo o que comer e vestir, não tendo casa e impedido de ter um pedaço de terra, os recém-libertos se dispunham a trabalhar por salários com os quais não conseguiam sequer se alimentarem.

Em conformidade com Maringoni (2012), somos informados que, implorando por serviço, à mercê de suas sortes, muitos ficaram em pior situação e começaram a recorrer a roubos e à violência para poder subsistirem. Saindo das fazendas, vindo para a cidade, encontravam uma situação precária, não tendo nem mesmo onde dormir e ter sequer o que

comer, começaram a organizar, nos morros e encostas, improvisando barracos, dando origem ao que conhecemos como favelas. (MARINGONI, 2012)

O negro, ao ser trazido à força para o Brasil desencadeou grandes problemas e desigualdades, uma vez que ele e seus descendentes, cativos ou mesmo os recém libertos, nunca passaram por um tratamento humanizado e seus direitos nunca foram trazidos a debate como algo importante. A falta de oportunidades, o preconceito e até mesmo o racismo (disfarçado, outras vezes nem tanto) fizeram e fazem com que os negros, ontem e hoje, desde cedo, sejam privados de várias chances de engajamento; os recursos os quais figuram como direitos, também na contemporaneidade, tendem a ficar mais distantes entre os afrodescendentes.

As estatísticas de cor ou raça produzidas pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial. Em média, os brancos têm os maiores salários, sofrem menos com o desemprego e são maioria entre os que frequentam o ensino superior, por exemplo. Já os indicadores socioeconômicos da população preta e parda, assim como os dos indígenas, costumam ser bem mais desvantajosos. [...] a realidade do Brasil ainda é herança do longo período de colonização europeia e do fato de ter sido o último país a acabar com a escravidão. (GOMES e MARLI, 2018)

Ainda que haja sempre pessoas que tentam amenizar esta grande diferença, o afrodescendente sempre tem uma luta desigual para ter acesso aos bens e serviços disponíveis aos demais da população. Desemprego, analfabetismo, salários menores, dificuldade de acesso à informação e um racismo estrutural sempre crescente fizeram negros hodiernos uma raça que não consegue ter sua vez e voz respeitados em sua totalidade. As condições que o negro viveu e ainda vive, bem como a maneira como ele se viu e vê tratado, foi gestando e criando um conceito errôneo, iniciado na escravização, continuado depois da libertação dos escravos, se estruturando ano após anos, fazendo com que os recém libertos do cativo e seus descendentes fossem considerados vadios, subalternos e mesmo sujeitos. (GARAES,2012)

Em nossos dias, podemos notar a influência dos negros em muitos dos segmentos culturais e sociais. É notório que se retirassem os costumes herdados dos negros haveria uma grande brecha ou lacuna na sociedade brasileira. A música, a culinária e costumes exibiriam menos fulgor.

Com tamanha influência e contribuição para a sociedade moderna brasileira, ainda assim o negro sofre os efeitos de terem sido, abruptamente, arrancados de seu continente de origem. Findada a escravização física, impera a escravização social, que menospreza e degrada o afrodescendente em nossos dias. Há leis pesadas que reprimem o racismo, houve

avanços na legislação, trazendo uma certa melhoria. Entretanto, Gomes e Marli esclarecem que o sentimento de inferioridade e menosprezo ainda está presente, velado, sob formas sutis de racismo - “As estatísticas de cor ou raça produzidas pelo IBGE mostram que o Brasil ainda está muito longe de se tornar uma democracia racial” (GOMES e MARLI, 2018). O negro pode e tem direitos garantidos em nosso país, porém estes são muito difíceis de serem executados em sua totalidade e em todos os lugares do país. A escolarização, as oportunidades de serviço e uma gama de possibilidades são muito menores para os descendentes dos povos africanos. Aquilo que, de certa forma, está disponível para as demais pessoas (etnias) é mais difícil para o negro. A segregação nunca é admitida, mas ela existe e é mostrada a qualquer momento.

Em conformidade com esta realidade, vê-se com certo espanto ou com admiração o afrodescendente ocupar posições de destaque ou ter uma educação melhorada, haja vista as dificuldades de subsistência. Por conseguinte, é raro ver o negro com faculdade e conseqüentemente o número de falantes com dificuldades linguísticas se mostra elevado em relação a outras etnias que se mostram mais humildes e/ou com menor poder aquisitivo, fazendo com que o afrodescendente apresente dificuldades com a língua que seus antepassados ajudaram a construir. Quanto menor a renda, oportunidades e, conseqüentemente, os aprofundamentos acadêmicos, menor intimidade com a língua portuguesa e demais oportunidades científicas. Este cenário é o que se apresenta em nossos dias e não há mostras de grandes mudanças. (AFONSO, 2019)

Nesse sentido, “A população preta do país recebe menos que os brancos e é maioria nos setores da economia com baixa remuneração. Entre os principais obstáculos para a inserção estão o preconceito e dificuldades de acesso à educação.” (MARTINS e OLIVEIRA, 2019). A condição educacional dos afrodescendentes ficou um pouco melhor com o advento de mecanismos que propiciaram uma nova chance de aprendizagem para aqueles que tem a intenção de ter uma formação superior, mas ainda assim é bastante difícil para sua conclusão, haja visto que temos muitos períodos de estudo e trabalhos simultâneos. O Brasil exhibe formas de racismo muito sutis e muitas das vezes não reconhece esta prática e o leva em conta quando há o desrespeito de assuntos simples tais como igualdade de oportunidades de estudo e uma multiplicidade de assuntos quando se é confrontado. O racismo não é reconhecido como problema por muitas pessoas da sociedade.

Ainda que não se tenha suprimido totalmente os efeitos da prática do racismo, muitos educadores negros têm conseguido trazer à atenção da população que o negro precisa apenas de oportunidades, muitas delas negadas devido à avaliação apenas pela cor da pele,

rechaçando o crescimento no serviço, oportunidades de estudo e outras oportunidades devido ao que acontece em nosso país. Estudiosos negros e professores com formações acadêmicas têm trabalhado os conceitos de que racismo linguístico, o qual é muitas vezes praticado sem se dar conta disso, precisa ser combatido. Nascimento (2019), professor, estudioso do tema e autor do livro **Racismo Linguístico - Os subterrâneos da linguagem e do racismo**, mostra que o termo “racismo linguístico” se aplica quando se usa palavras que denotam uma desvalorização racial, palavras estas que já estão arraigadas no linguajar brasileiro, tais como “ovelha negra”, “denegrir”, “criado-mudo”, entre outras e precisam ser suprimidas para que aconteça realmente a decolonidade da língua. Uma outra forma de o racismo linguístico proliferar é a propagação da ideia de que a fala do negro é errada. Nascimento nos diz que esse conceito é um conceito estrutural, vindo desde a época do período de escravização, passando pela abolição (pelo menos no papel), até chegar em nossos dias. Desde a chegada do negro até nossa contemporaneidade, tem sido atribuída ao negro a responsabilidade de não se falar bem o Português Brasileiro. Nascimento destaca:

Em se tratando do Brasil, com 54% de negros, todo ataque linguístico que emana dos programas de TV (como aqueles que têm como título “como falar corretamente o Português”, patrocinados pelos canais de televisão, rádio e jornais impressos) é direcionado aos negros. [...] O preconceito racial aqui é entrelaçado com o social e o linguístico (naquilo que quero chamar aqui de racismo linguístico, e que se desenha através do linguicídio, ou seja, do extermínio do outro não branco) [...] O fato da maioria dos brasileiros (ou seja, as pessoas negras) estar condicionada às formas mais precárias de educação linguística tem razão de ser diretamente implicada por políticas linguísticas impostas para populações afro-brasileiras e indígenas. Por exemplo, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Educação (2017) mostrou que o analfabetismo entre os negros é duas vezes maior do que entre os brancos. Quando analisamos os dados de escolarização básica, os números parecem reforçar nossa preocupação. Entre as pessoas brancas, por exemplo, 70% dos jovens a partir dos 15 anos estão no ensino médio, contra apenas aproximadamente 55% entre os negros. Como podemos ver, a evasão escolar (produzida pela figura da precarização e abandono dos negros) anda de braços dados com o genocídio do povo negro (o que, segundo as últimas pesquisas, só tem se aprofundado). Os dados do Atlas da Violência (2018) mostram o outro extremo desse *continuum* do horror ao apontar que, em dez anos (de 2006 a 2016), a taxa de homicídios de indivíduos não negros caiu 6,8% enquanto a de negros subiu 23,1%. (NASCIMENTO, 2019, p. 14,15)

Os dados expostos por Nascimento demonstram que o falar da população de baixa renda, composta a grande parte por não brancos, com maior dificuldade de acesso e permanência nos estudos está relacionado a um falar diferente do que é considerado aceitável ou satisfatório. Isso tem gerado um grande preconceito linguístico, sentido pelos povos mais

humildes, invariavelmente sendo os negros. Este pré-conceito e preconceito, sentidos desde outrora, recebeu, em tempos contemporâneos, o nome de racismo

Diante desta premissa, temos uma proposta de reversão, defendida pela professora, pesquisadora e autora Cassandra Muniz, que defende a ideia de que os negros realmente são alvos de discriminação linguística e que não se pode deixar isto do jeito que está. Escrevendo com a graduanda Mikaele Gabriele, passam a dizer:

Pensar a linguagem e identidade no Brasil, em que corpos negros são marcados pelos estereótipos racistas criados pelo sistema colonial é um grande desafio. [...] Certamente, a maneira que a cultura dominante faz uso da língua, torna as diferenças linguísticas de uma cultura uma arma contra outra. (GABRIELE e MUNIZ, 2018, p. 02,03)

As autoras nos mostram que mudar a realidade do negro constitui um grande desafio, se adequar às maneiras impostas pela cultura dominante (a cultura do colonizador, branco). Para que isso aconteça, é mister que haja uma mudança na maneira de pensar da sociedade, que ocorra a desconstrução do modelo de dominação que o negro vem sofrendo desde que chegou neste país e que se arrasta até os nossos dias, ainda que tenha acontecido uma melhora pequena na situação. Isto se dá através do letramento racial. Pontuando sobre esta necessidade, lemos:

[...] os letramentos de reexistência [...] busca[m] entender as práticas cotidianas do uso da linguagem que provocam releituras de identidade, “Os letramentos negros são vistos aqui como uma possibilidade de pensar a linguagem como mandinga, defendida como uma categoria negro-epistêmica de entender como nós negros e negras, lidamos com as armadilhas e desafios de uma linguagem que ao mesmo tempo em que tem o poder de nos aprisionar, tem a potencialidade de emancipação e decolonização de ideias. (SOUZA; JOVINO; MUNIZ apud GABRIELE e MUNIZ, 2018, p. 5. Grifo nosso)

O letramento racial é capaz de transformar negros que outrora se encontravam aprisionados por causa de sua cor, sua cultura e jeito de falar em pessoas emancipadas, cujas práticas sejam libertárias de um sistema que os diminuíam e oprimiam. A professora Cassandra Muniz, defensora de práticas que valorizam o negro, fomenta que todas as esferas da sociedade estejam empenhadas na prática desta forma de letramento, fazendo com que os modelos vigentes de tratamento diferente devido à cor de pele e fala sejam extintos. A desconstrução da visão eurocêntrica, do privilégio do branco sobre o negro, que ainda é

apontada como normal, começa pela leitura da história dos negros, o interesse pela cultura e tradição afrodescendente por todos os povos que compõe a sociedade brasileira.

## 2 O USO DAS LÍNGUAS AFRICANAS NO PERÍODO MONÁRQUICO

Logo no início das relações de dominação dos africanos por parte dos traficantes de escravos, sobretudo portugueses, não houve uma interação linguística por parte dos envolvidos. Tão logo os traficantes de escravos chegassem no continente africano, dariam início ao carregamento dos navios negreiros, que vinham apinhados de escravos. Optava-se por sempre realizar uma mistura de dialetos africanos, tendo como intuito a pluralidade de línguas e costumes, a fim de suplantar a resistência negra. Quanto menos fatores houvesse que aumentassem a força do cativo negro, menos chances haveria de estourar um motim e aceitariam suas condições de “cativos” de maneira mais pacífica.

Dessa forma poderemos notar uma grande variedade de grupos negros trazidos ao Brasil pelos traficantes (portugueses e ingleses, os mais expressivos já no século XVIII). A multiplicidade de etnias e clãs era decorrente não apenas do processo de apresamento do negro que, como vimos, variava com o tempo; decorria também do interesse que os senhores tinham em escravos de diferentes origens, isso a seu ver, representaria diversificação de hábitos, língua e religião, dificultando a integração da população escrava e o surgimento de qualquer espécie de organização conduzida por eles.(PINSKY,2020) (grifo nosso)

Ainda segundo Pinsky (2020), ao chegar ao seu destino, o escravo passava por um contato com a língua portuguesa. O seu dono realizava de todas as maneiras e formas para tentar apagar da mente sua origem e fazendo-o trabalhar e produzir cada vez mais. O escravo não podia falar na língua original deles; quando chegavam onde trabalhariam, eram imersos nos assuntos e dogmas católicos, recebendo um nome geralmente cristão. O uso do idioma dos seus senhores, ao passo que cada vez menos usando o seu idioma vernáculo, fazia com que o escravo das fazendas desenvolvesse uma forma intermediária de falar, isto é, falavam o idioma, mas não faziam tão bem. Em contrapartida, os escravos que trabalhavam na cidade, desenvolvendo ofícios que se faziam necessário um maior contato com as pessoas, desenvolveram um linguajar diferenciado, similar aos dos povos brancos e livres. Castro (2006) e Lima (2012) apontam que o escravo negro foi um elo importante no fortalecimento da língua portuguesa, pois era a língua oficial que todos deveriam falar em forma oficial.

A princípio, Castro declara que “a rigor, não chegou a haver influência linguística africana no Português do Brasil, salvo na parte de contribuição vocabular” (2006, p. 30). As estruturas da língua portuguesa não sofreram nenhuma alteração com a adoção das palavras de origem africana. Tais vocábulos apenas trouxeram uma nova possibilidade de inovação no

que hoje chamamos de Português do Brasil. Lima, por sua vez, reconhece que a escravização foi importante para a propagação do português, por se a língua a partir da qual se realiza o comércio dos escravos e língua de entendimento de vários estrangeiros que vinham até o país, visto que foi a língua oficial para todas as atuações dos estrangeiros. Lima diz:

Pode-se considerar o quanto a escravidão de africanos e descendentes atuou na difusão do português. Uma das razões é que a escravidão foi um dos elementos básicos da economia colonial, fortalecendo conseqüentemente a presença metropolitana. Outra razão é que o português foi também usado como língua veicular por falantes de outras línguas, principalmente nas áreas urbanas e nas regiões em que essa língua era corrente. (LIMA, 2012)

Diante das muitas dificuldades que permeavam a vida dos escravizados, tendo que, muitas das vezes, viverem uma dura realidade de trabalhos forçados e sem ao menos terem a perspectiva de frequentarem uma escola, aprenderem a se expressar melhor com pessoas que quiçá se importassem com eles, os negros cativos tinham uma grande dificuldade de falar de um jeito considerado satisfatório ao padrão dos senhores e da sociedade luso-europeia, branca, letrada e com condições de ter alguém para lhes dedicar tempo em aprendizados linguísticos. Não se pretende afirmar que todos os brancos sabiam ler e escrever<sup>5</sup>, mas possuíam uma perspectiva, ou seja, caso tivessem uma condição financeira boa, ou fossem reconhecidos como membros da sociedade e não fossem negros, poderiam ter essa educação.

Os escravizados jamais poderiam estudar. Tal condição é um pouco melhor em nossos dias, mas o negro é a etnia que menos tem estudos em nosso país e por causa dessa condição tem menores oportunidades para o desenvolvimento acadêmico e linguístico, ainda que essa realidade hodierna tenha sido bastante melhorada. É importante ressaltar que não se quer dizer que o negro não possui saberes, que não tinha ou tenha conhecimentos e que sem estudos formais não é possível saber como falar corretamente. Há muitas exceções quanto a essa questão. O conhecimento escolar ou acadêmico é apenas uma das formas de se manifestar o conhecimento. Há muitos que falam bem sem terem frequentado os bancos de uma escola aprofundada.

O escravizado tinha o hábito de fazer modificações na sua linguagem informal, quando estava se comunicando na língua dos seus opressores. Porém é mister ressaltar que o escravizado negro, durante todo o período em que permaneceu cativo, nas grandes fazendas latifundiárias e também na zona urbana, especialmente em Salvador e na capital do Império,

---

<sup>5</sup> No período do Brasil colônia, eram poucos os que sabiam ler e escrever. Mesmo entre os brancos a quantidade de leitores era bastante reduzida.

não perpetrrou nenhum ato de mudança na língua, mudando-lhe a estrutura sintática, ou mesmo a estrutura da frase como um todo. Criou-se apenas novos substantivos, verbos e adjetivos; não criou-se uma nova classe de palavras, ao analisarmos morfológicamente cada palavra. Antes, os dialetos africanos que ousaram sobreviver há mais de trezentos anos de ataques trouxeram uma diferenciação sutil, mas perceptível, do idioma português falado em demais localidades do globo.

Tal contato de culturas resultaria num processo natural de interpretação linguística, um dos mais notáveis aspectos de aculturação no Brasil, através do qual o Português, favorecido francamente por razões histórico-econômicas, só teve a lucrar, pois longe de deixar de ser padrão de ideal linguístico, ganhou centenas de palavras de origem africana - os "africanismos"- que, acrescidos aos "tupinismos"- vocábulos da língua tupi-guarani dos aborígenas brasileiros - vieram aumentar consideravelmente o número dos chamados "brasileirismos" da língua, cuja contribuição para o enriquecimento do léxico do Português em geral e do Português do Brasil em particular é inestimável. Há uma grande quantidade de "africanismos" correntes em certas regiões do País ainda não dicionarizados. São os regionalismos dos chamados falares brasileiros, as várias modalidades de linguagem regional do Português do Brasil. (CASTRO, 2006, p. 01)

Seguindo este pensamento, podemos destacar o registro de Gilberto Freyre, em seu livro intitulado **Casa grande e senzala**, em que aponta, de maneira doce e romantizada, a convivência quase que amistosa entre o escravizado cativo e o senhor branco. Em suas linhas relata-se um certo bem querer entre as negras escravizadas, que eram escolhidas para trabalharem dentro da casa do homem branco, arrumando-lhe a casa e cozinhando para a família de seu escravizador. O contato entre eles resultou na aproximação do linguajar negro e também a melhoria do falar entre os negros cativos. O que a escrava da casa grande ouvia, repassava para os outros negros e as expressões dos negros eram ensinadas aos filhos dos senhores, que eram criados, alimentados e até mesmo amamentados pelo leite da ama negra. Freire pontua:

A *ama negra* fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no Norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem *rr* nem *ss*; as sílabas finais moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacá, pipi, bumbum, tentém, neném, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, didinho, bimbinha. [...] Esse amolecimento se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. [...] As Antônias ficaram Dondons, Toninhas, Totonhas; as Terezas, Tetés; os Manuéis, Nezinhos, Mandus, Manés; Franciscos, Chicos, Chiquinhos, Chicó [...] E

não só a língua infantil se abrandou desse jeito, mas a linguagem em geral, a fala séria, solene, da gente, toda ela sofreu no Brasil, ao contacto do senhor com o escravo, um amolecimento de resultados às vezes deliciosos para o ouvido. Efeitos semelhantes aos que sofreram o inglês e o francês noutras partes da América, sob a mesma influência do africano e do clima quente. (FREIRE, 2003, p. 215)

A fala que usamos hoje para conversar com as crianças, a maneira eufemística de dizer o nome de certas partes do corpo, devemos aos negros que aportaram em nosso país, trazendo uma leveza ao linguajar pesado, que outrora se ouvia quando o país ainda era colônia de Portugal. Sendo muitas das vezes a ama de leite, negra, que cuidava de alimentar, dar banho e cuidar das demais necessidades do sinhozinho, as palavras duras eram como que quebradas, facilitadas pela escrava, ficando reduzidas para que o menino branco conseguir falar.

O escritor trouxe, em seu livro, um novo olhar para o processo de miscigenação que ocorreu no país e nos faz inferir que não só a criança se influenciava com o falar afro. As línguas que se mostravam duras e acres, tendo contato com os falantes que moravam nos trópicos, assumiam uma postura mais fácil de serem pronunciadas, trazendo um português mais doce e açucarado. Sustentando isso, Freyre diz:

A linguagem infantil também aqui se amoleceu ao contato da criança com a ama negra. Algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. Da boca africana aliada ao clima – outro corruptor das línguas européias, na fervura por que passaram na América tropical e subtropical. FREYRE (2003, p.215)

É necessário ressaltar que a costumeira maneira de usar diminutivos aos nomes próprios das pessoas foi algo que teve sua gênese com o escravizado da fazenda, que tinha contato com o filho do dono da fazenda, transformando os nomes em apelidos geralmente carinhosos, ligados à fala infantil do senhorzinho, que estava começando a aprender a falar.

Um grande paradoxo nos é trazido à atenção, mostrando que desde cedo houve um embate, uma luta entre o que era considerado o português-padrão, falado em Portugal e ensinado por professores nas casas do colonizador, o senhor da casa grande, *versus* o português dos negros, cheios de erros e que dualizam entre si.

A figura boa da ama negra que, nos tempos patriarcais, criava o menino lhe dando de mamar, que lhe embalava a rede ou o berço, que lhe ensinava as primeiras palavras de português errado, o primeiro “padre-nosso”, a primeira “ave-maria”[...] lhe dava na boca o primeiro pirão com carne “molho de ferrugem”, ela própria amolegando a comida (FREYRE, 2003, p. 217).

A maneira de falar do negro era bastante diferente da dos demais povos que outrora viviam aqui. Vindos de vários cantos do continente africano, permaneciam no porto onde ficavam esperando o navio que os levariam a seus destinos como cativos. Uma grande variedade de línguas era falada por um determinado grupo de africanos e tendo um grau de similaridade. Contudo, os cativos não eram entendidos plenamente entre si, devido a esta grande diversidade de linguagens. Ao chegar em terras brasileiras, o escravo passou a ter contato com o linguajar tido como padrão, aprendendo a se expressar de uma forma mais parecida com a do seu senhor, porém com muitos trejeitos e expressões muito reduzidas, perdendo sons e fonemas. Queiram atentar para as adaptações nas falas do dia a dia, no português dos escravizados negros durante o período colonial e do Império, estando ainda sobre a propriedade dos seus senhores e nos primórdios da abolição da escravatura, nos últimos anos do século XIX, registradas no ANEXO A, na parte ulterior da pesquisa.

### 3 A INFLUÊNCIA DAS LÍNGUAS AFRICANAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: QUESTÕES LINGUÍSTICAS

A língua portuguesa é uma língua que foi sendo moldada graças às muitas palavras em idiomas e dialetos que os estrangeiros utilizavam, na época em que o Brasil era colônia de Portugal. Os moradores nativos, habitantes livres e cativos, em contato com tais palavras, as inseriam em seu cotidiano, acrescentando mais palavras ao idioma original. Tomemos as palavras do Português brasileiro: bunda e bumbum. No Português de Portugal é incomum se ver tais palavras, sendo mais usada a palavra “rabo” e “rabinho”, respectivamente. O que chamamos de menino no Português do Brasil, em Portugal recebe o nome de “puto”.

Segundo Grisolli (2014), “O idioma, de fato, é o mesmo. Mas como é diferente!” O Português Brasileiro apresenta muitas palavras com diminutivos, sendo que muitas destas palavras os negros as trouxeram, as quais designam sentimentos, comidas, tradições e outras tantas situações que modificaram o idioma, conforme vem mostrado por Gilberto Freyre. As expressões, conforme já explicitado pelos fragmentos da obra do escritor e sociólogo Gilberto Freyre, autor do livro que apresenta de maneira diferente dos demais autores e conhecimento em geral, modificando a relação de convivência do negro com os brancos, mostra que os filhos das iaiás e ioiôs logo se afeioaram a forma mais fácil de se falar, trazendo “corruptelas” no falar padrão. Porém esta forma de falar se alastrou e hoje é percebida em todo o país, quer em maior ou em menor grau em determinadas regiões, mas com sua representatividade garantida.

O que outrora era considerado um defeito, uma mácula na forma correta de se falar, é hoje reconhecida como sendo uma importante parte de estudo, sobre o qual se debruçam os estudiosos da língua portuguesa, nomes como Lucchesi e Bagno. Tal investigação leva o nome de variação diastrática, um dos subgrupos da variação linguística, que por sua vez é uma divisão da sociolinguística. Sobre o preconceito sobre os tipos de fala, especialmente Bagno diz:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna desse nome e seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 2005, p. 40).

Lucchesi afirma:

[...] a heterogeneidade da língua é que garante a sua unidade em uma comunidade socialmente estratificada e culturalmente diversa. É a flexibilidade que a variação linguística confere à língua que garante que essa mesma língua funcione, tanto na feira livre, quanto em uma sessão do Supremo Tribunal de Justiça. Se fosse um código monolítico e inflexível, como sugerem os puristas, a mesma língua não poderia funcionar em ambientes tão diversos, o que levaria inexoravelmente à sua fragmentação. (LUCCHESI, 2011, p.9)

Continuando a questão, Castro diz:

Desnecessário é falar das mudanças morfológico-sintáticas que por acaso se fizeram sentir na redução e simplificação das flexões em Português, muitas delas atribuídas ainda à influência africana. Embora tomem aparência muito grave por abalar a estrutura da língua, vêm diminuir sensivelmente com o aumento de contingente de brancos e desaparecem aos poucos com a ação corretiva da escola, limitando-se à linguagem popular das classes bem humildes dos centros urbanos e dos meios rurais, onde o índice de analfabetismo é muito grande. (CASTRO, 2006, p.30)

Conforme citado, o falar do negro escravizado se faz sentir de forma mais plena e inequívoca na maneira de falar das classes mais humildes, quer em sentido de pecuniário (os que menos tem condições financeiras são os mais propensos a desenvolver uma fala com mais traços de variação diastrática), bem como na inserção escolar e acadêmica (falta de escolarização e estudos).

A presente pesquisa traz, na seção de anexos, uma relação de palavras que foram incorporadas ao português e que são exemplo da presença do negro no falar do brasileiro. Segundo Ribeiro, são duzentas e setenta palavras que compõe o linguajar brasileiro e estão presentes na conversa do dia a dia do povo, desde uma conversa simples a um discurso elaborado. Apresenta-se aqui algumas palavras que compõe o campo semântico da música, comida; religião e sentimento.

Palavras usadas no português vindas das línguas africanas- exemplos	
Palavras usadas na música	Berimbau; caxixi; ganzá; maculelê; samba
Palavras usadas na comida	acarajé; bobó; farofa; fubá; jabá; moqueca; quibebe; quitute.
Palavras usadas na religião	axé; Exu; Iemanjá; macumba; orixá; umbanda.

Palavras usadas em sentimentos	Cafuné; dengo; borocoxô; banzo

Fonte: RIBEIRO(2017)

A tabela acima é apenas um pequeno exemplo das muitas palavras que usamos e que estão disponíveis para serem usadas, tornando a escrita e fala algo com muitas particularidades positivas.

O contato com o falar do negro fez com que a oralidade do povo brasileiro, simples e sem muito estudo fosse se tornando a característica que mais identificaria esta classe social e podemos dizer a etnia negra. O rotacismo seria uma das mais importantes marcas linguísticas que foram deixadas pelos negros cativos na fala atual. Sobre esta questão Mendes, Medeiros e Oliveira afirmam:

Outra alteração fonética por influência africana no português brasileiro é o rotacismo, que consiste na troca do fonema “l” pelo fonema “r” e ocorre nos dias atuais principalmente no falar das zonas rurais brasileiras, gerando certo preconceito linguístico [...] a ocorrência desse fenômeno na sentença “eu num gosto de farsidade”, em que é possível perceber a simplificação linguística presente no português brasileiro, herdada das línguas africanas. Dessa forma, entende-se que as influências das línguas africanas no português brasileiro encontram-se presentes até hoje na modalidade oral, não sendo bem aceitas quando apresentadas na modalidade escrita, uma vez que a fala é individual e heterogênea, apresentando variações de acordo com o meio social e cultural, diferentemente da escrita, que é fortemente padronizada pela gramática normativa. (MENDES, MEDEIROS e OLIVEIRA, 2016 p. 14).

Assumindo uma visão diferente, vindo na contramão daquilo que é bastante aceito e conhecido entre os estudiosos do assunto, surge, no cenário, autores que vão questionar e dar uma nova visão sobre as questões linguísticas levantadas nesta pesquisa. Tais vozes negras, ou não brancas, querem mostrar que a língua portuguesa e outras línguas, faladas e construídas pelos colonizadores, poderiam ter uma amplitude maior se não tivessem suplantado a fala dos negros escravizados. Esta questão é explicada sob a visão de Fanon citado por Nascimento: “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.” (FANON, 2008 *apud* NASCIMENTO, 2019, p. 34)

O contato com os povos colonizadores fez com que a fala e os costumes do povo africano, trazidos cativos, fossem quase que totalmente eliminados, sendo responsáveis pela tentativa de epistemicídio das línguas africanas. Nascimento (2019, p. 49) nos informa que “a

colonialidade, por meio da linguagem, é uma das formas de sepultar as chamadas originalidades locais dos povos colonizados” e que quanto mais se aproxima da língua do colonizador, sim, os escravizadores dos negros, “a partir do momento em que há o sepultamento da originalidade cultural de um povo através da colonialidade, cria-se o complexo de inferioridade (que, para Fanon, é responsabilidade do colonizador) e o colonizado é obrigado a tomar posição diante da linguagem da nação que o coloniza.”(NASCIMENTO, 2019, p.50)

Diante da teoria da condição de inferioridade, criada pelos brancos, a partir dos tratos dos senhores para com os escravos, desenvolver-se-ia, também, o racismo linguístico, racismo esse fundamentado em que a língua culta e padrão é falada pelos estudados, ricos e de tez clara, enquanto os negros (em sua maioria), mestiços e os das comunidades rurais são os que falam e escrevem errado a língua portuguesa. Este conceito tem como intuito distanciar os populares da classe abastada, brancos, supostos detentores da língua padrão ou culta.

Diante do aparecimento de linguistas, tais como Bagno e Lucchesi, falando sobre preconceitos linguísticos e de pesquisadores negros tais como Nascimento e Muniz, entre outros, falando sobre racismo linguístico e letramento racial, conjugados com os legisladores, especialmente da contemporaneidade, que buscam dar mais vez e voz à população negra em conhecer os seus direitos, criando mecanismos que buscam uma maior participação da população negra, mestiça e periférica nos engajamentos linguísticos, trazendo cada vez mais a discussão acerca do potencial muitas vezes escondido do negro e dos menos favorecidos, falantes do Português Brasileiro. As falas desses teóricos são importantes em mostrar que não há superioridade linguística entre os falantes dos Português do Brasil e que para avançarmos é necessário reconhecer e prestigiar as contribuições que os negros cativos e os contemporâneos fizeram até nossos dias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao considerarmos os textos basilares, que dão suporte e fundamentação a esta pesquisa, pode-se perceber que o Português Brasileiro tem uma grande dívida para com os povos que foram trazidos cativos ao Brasil. O diferencial que esta língua possui somente foi conquistado pela fusão de várias línguas, entre elas os falares oriundos do continente africano, desde o processo de colonização.

Vimos no capítulo 1, toda a trajetória que o negro percorreu, trazido do continente africano, sua condição de vida enquanto escravo, depois da abolição da escravatura até o século XIX, concluindo este vislumbre até a contemporaneidade. O capítulo 2 mostrou como se deu o processo de mistura linguística, onde o negro inseriu o seu modo de fala, trazendo uma mudança que diferenciaria o Português Brasileiro. A dominação por parte dos senhores, a elite branca, de forma bruta, fez com que poucas palavras permanecessem e a história do modo de fala negra fosse quase todo perdido. O capítulo 3 revelou questões sobre aceitabilidade da língua, trazendo a visão de teóricos, linguistas, tais como Bagno e Lucchesi, sobre o valor da língua informal, sobre o preconceito linguístico e por fim, a contribuição do falar do negro na língua, lembrando que não existe, portanto, um falar certo ou errado. Revelou que há no cenário de estudos e pesquisa vozes negras interessadas em defender e dar visibilidade aos saberes negros, especialmente nas questões linguísticas e defesa do negro em vários segmentos.

O trabalho realizado, a pesquisa empreendida, mostrou-se assaz importante em demonstrar que o negro teve sim uma grande importância para que a língua que se fala no Brasil seja diferente dos demais falantes de português. Concluiu-se de forma plena e inequívoca que o negro outrora escravizado e os seus afrodescendentes deram sua contribuição no jeito de falar do brasileiro. É notório que esta contribuição existe e que apenas o descaso ou insensibilidade queira refuta-la, ou mesmo apaga-la.

É necessário salientar que o aporte dado à língua neste país não é muito bem visível, quase que totalmente despercebido pelos seus moradores, muitos deles estudantes, e alvo de pouco debate pelas autoridades desse imenso Brasil. A pesquisa faz-nos perceber que a história dos povos africanos é muito pouco conhecida na área da linguística (salvo por pesquisadores específicos) e objeto de descaso ou passividade também pela grande maioria dos docentes, que trazem à tona a temática negra apenas na semana ou talvez no dia da consciência negra.

A falta de visibilidade da importância negra no Português Brasileiro faz com que se menospreze o falar dos negros, mestiços, moradores da zona rural e pessoas que possuem uma renda menor, muitas vezes por força do hábito, ajudado a sedimentar a ideia de isso ser algo comum, sem se pensar, apoiando o que se chama de racismo estrutural, algo que vem sendo propagado desde a chegada dos povos africanos e perpetuando até hoje. Outros insistem em menosprezar o falar dos negros, mestiços e pobres por pura convicção e ideologia, achando que todos de tal etnia ou condição social falam assim e estão fadados a continuarem na condição por toda a vida. Sob tais ideologias, há aqueles que acreditam que o negro e os de baixa renda não devam estudar, que é perda de tempo dar-lhes privilégios de estudo e que não há melhorias reais para os que carregam este estigma e que as vezes possuem dificuldades linguísticas.

A tais grupos são imputados os preconceitos linguísticos, (os quais são desaprovados fortemente pelos linguistas, que consideram a variação linguística algo normal e inofensiva) gerando, por sua vez, um racismo linguístico para com a maneira com que tais grupos falam. São rotulados como pessoas que não falam a língua plenamente, de forma errada, e que apenas a língua padrão e acadêmica é a que está correta. Percebe-se uma intenção em diminuir a visibilidade dos grupos de menor poder aquisitivo e social também pela fala do dia a dia, tendo o negro como a etnia de maior tamanho, tradição e visibilidade, sendo alvo de um descaso velado. A diminuição do negro enquanto pessoa, também pelos supostos “guardiões” da linguística, atribuindo aos afrodescendentes um falar deficiente, materializa o que desde outrora é via de regra quando se refere à comunicação dos povos africanos cativos neste país e seus descendentes até a contemporaneidade.

As leis que regem este país se mostram bastante atuais, corretas e cabíveis, sendo muito modernas em muitas delas. Porém a aplicabilidade das leis é o que faz com que acabem em descrédito e esquecimento muitas delas. Infelizmente isto acontece no que tange ao ensino e fomento do conhecimento sobre a participação dos negros no linguajar e cultura do país. A escola tradicional pode ajudar a mudar a visão que infelizmente impera sobre o negro, desenvolvendo melhor a questão negra, dentro de vários contextos educacionais, em sala de aula.

Sabemos que o acesso aos meios educacionais não se mostra igualitário face às condições que é exposta a sociedade, tendo como fator preponderante a cor da pele e condições econômicas. É mister que a aproximação dos processos históricos dos povos cativos, por intermédio do aprofundamento do conhecimento linguístico deles e as contribuições e consequências no dia a dia dos falantes comuns e coloquiais da língua

portuguesa fazem com que cresça a esperança de uma mudança progressiva na forma de se ver a população negra e os de condição social vulnerável. A exposição constante de partes da história em nossos dias e dos que futuramente virão, outrora propositalmente extirpada do conhecimento de seu povo, como assim se tem conhecimento, removida por despeito de séculos de vivência de uma sociedade patriarcal, masculina, católica e branca, faz com que brote a esperança de um respeito entre raças e uma valorização da mão de obra e intelectualidade negras.

É importante ressaltar que parte dessa valorização da fala dos negros e consequentemente conhecimento como um todo aconteceu graças ao surgimento de vozes negras, estudiosos afrodescendentes que passaram a pesquisar e defender os do seu povo. Suas pesquisas linguísticas, conforme explanado, ajudam a dar mais visibilidade ao legado afro ao Português falado no país e a diminuir os embates raciais, fortalecendo a igualdade entre as etnias. Diante desta perspectiva, anseia-se que o conhecimento e a propagação da importância do falar do escravo negro e de seus descendentes aumente, tendo em vista que a valorização da história dos negros cativos é uma forma de reparar e reconhecer a grandeza do povo negro e a sua importância histórica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Nathália. **Dia da Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil.** Jornal Folha de S. Paulo. São Paulo, 20 NOV. 2019. Agência Lupa. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil/>. Acesso em: 02 set. 2021

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 320p. Disponível em <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf> /. Acesso em: 02 abr. 2021.

ALLELUIA, Luciana Silverio. **O impacto do racismo na saúde mental.** Centro Educacional. Novas Abordagens Terapeuticas, c2021. Disponível em: <https://blog.cenatcursos.com.br/o-impacto-do-racismo-na-saude-mental/>. Acesso em: 08 maio 2021

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2005. Disponível em: [https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito\\_linguistico\\_marcos\\_bagno.pdf](https://professorjailton.com.br/novo/biblioteca/preconceito_linguistico_marcos_bagno.pdf). Acesso em 13 mar. 2021

CASTRO, Yeda Pessoa de. **A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia,** 2006. Disponível em: [http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/afroasia\\_n4\\_5\\_p25yeda.pdf](http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/afroasia_n4_5_p25yeda.pdf) /. Acesso em: 22 abr. 2021

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 48 ed. São Paulo : Global, 2003, 2003. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229395/mod\\_resource/content/1/Gilberto%20Freyre%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala%20%281%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/229395/mod_resource/content/1/Gilberto%20Freyre%20-%20Casa-Grande%20e%20Senzala%20%281%29.pdf)/. Acesso em 20 fev. 2021

GABRIELE, Mikaela; MUNIZ, Kassandra. **Imigração, raça e linguagem: tecendo um fio diaspórico entre os conceitos de língua de acolhimento, reexistência e de colonialidade.**

Anais do Congresso Africanidades e Brasilidades, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/21992/>. Acesso em 13 jun. 2021

GARAES, Vitor Hugo. **A história da escravidão negra no Brasil**. Portal Geledes, 2012. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/citacao-de-site-como-fazer/>. Acesso em 02 jul. 2021.

GOMES, Irene; MARLI, Monica. **IBGE mostra as cores da desigualdade**. Agência IBGE notícias, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade/>. Acesso em: 02 set. 2021

GRISOLLI, Paulo Afonso. **Onde o bumbum é rabinho**. Ciberdúvidas, 2014. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/onde-o-bumbum-e-rabinho/2974#/>. Acesso em 14 set. 2021

LIMA, Ivana Stolze. **Escravos bem falantes e nacionalização linguística no Brasil: uma perspectiva histórica**. Estudos históricos, Rio de Janeiro 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/gvZV9ZWVGwXy5PqjY5Nwyns/?lang=pt/>. Acesso em 17 maio 2021

LUCCHESI, Dante. **Racismo linguístico ou ensino pluralista e cidadão?**. Linguasagem, 2011. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/1137/>. Acesso em: 17 ago. 2021

MARINGONI, Gilberto. **O destino dos negros após a Abolição**. Portal Geledes, 2012. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-destino-dos-negros-apos-abolicao-por-gilberto-maringoni/>. Acesso em 29 ago. 2021

MARTINS, Isadora; OLIVEIRA, Luiz. **Negros ocupam cargos com menor remuneração no mercado de trabalho**. Correio Brasiliense. Brasília, 17 nov. 2019. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/trabalho-e-formacao/2019/11/17/interna-trabalhoformacao->

2019,807077/negros-ocupam-cargos-com-menor-remuneracao-no-mercado-de-trabalho.shtml/. Acesso em: 15 maio 2021

MENDES, Camilla da Silva; MEDEIROS, Nathalia Reis de; OLVEIRA, Thiago Soares de. **Africanidades na fonética do português brasileiro**. Espírito Santo, 2016. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:slkdZgT5iwYJ:https://periodicos.ufes.br/cnafricab/article/view/15211/10754+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br/>. Acesso em: 18 mar. 2021

MENDONÇA, Renato. **Influência africana no português: capítulo VI**. — Brasília : FUNAG, 2012. A Influência Africana no Português do Brasil. 200 p. disponível em: [https://funag.gov.br/loja/download/98-Influencia\\_Africana\\_no\\_Portugues\\_do\\_Brasil\\_A.pdf](https://funag.gov.br/loja/download/98-Influencia_Africana_no_Portugues_do_Brasil_A.pdf)

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. 01 ed. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124p.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21 ed. São Paulo: Contexto, 2020. 96p.

RIBEIRO, Luiz Antonio. **270 palavras de origem africana no vocabulário brasileiro**. Notaterapia, 2017. Disponível em: <http://notaterapia.com.br/2017/08/14/270-palavras-de-origem-africana-no-vocabulario-brasileiro/>. Acesso em: 20 fev. 2021

VAN DEURSEN, Felipe. **Escravos: povo marcado**. Guia do estudante, 2017. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/escravos-povo-marcado/>. Acesso em: 04 set. 2021

## ANEXOS

### A) Lista de palavras que compõe o Português Brasileiro, oriundas do linguajar africano

As palavras listadas abaixo fazem parte do artigo retirado da internet, intitulado “270 palavras de origem africana no vocabulário brasileiro” de Luiz Antônio Ribeiro, extraído por completo do site Notaterapia, lançado em 2017.

“270 palavras de origem africana no vocabulário brasileiro”

A cultura brasileira é formada por diversos povos e línguas. Uma das principais é a influência da cultura e língua africana em nossa língua portuguesa. Além do Brasil, no mundo apenas **Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Equatorial** – todos na África – e **Timor Leste** – o único na Ásia – falam português. Você pode conferir isto no mapa abaixo:

Nossos irmãos africanos fazem parte do PALOP, acrônimo que significa justamente Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Tudo obra de Portugal, responsável por essa bagunça chamada lusofonia (o conjunto dos países que possuem Português como língua oficial) que acabou dando seu jeito de seguir caminho.

O site Raiz do Samba fez uma incrível coleção de palavras brasileira cuja origem são as línguas africanas. Confira:

#### A

**ABADÁ** – Túnica folgada e comprida. Atualmente, no Brasil, é o nome dado a uma camisa ou camiseta usada pelos integrantes de blocos e trios elétricos carnavalescos.

**ABARÁ** – Quitute semelhante ao acarajé. A massa feita de feijão fradinho e os temperos são os mesmos. Os bolinhos envoltos em folhas de bananeira são cozidos em banho-maria.

**ACARÁ** – Peixe de esqueleto ósseo.

**ACARAJÉ** – Bolinho feito de massa de feijão-fradinho frito no azeite de dendê e servido com camarões secos.

**AFOXÉ** – Dança, semelhante a um cortejo real, que desfila durante o carnaval e em cerimônias religiosas.

**AGOGÔ** – Instrumento musical formado por duas (ou três) campânulas ocas de ferro.

**ALUÁ** – Bebida feita de milho, arroz cozido ou com cascas de abacaxi.

**AMUO** – sm. Mau humor passageiro, revelado no aspecto, gestos ou silêncio; arrufo, calundu.

**ANGOLA** – Nome dado a uma das mais conhecidas modalidades do jogo de capoeira e, também, a um dos cinco países africanos de língua portuguesa.

**ANGU** – Massa de farinha de milho ou de mandioca. Angu-de-carço: Coisa complicada.

**AXÉ** – Saudação; força vital e espiritual.

**AZOEIRA** – Barulhada, zoeira, bagunça.

#### B

**BABÁ** – Ama-seca; pessoa que cuida de crianças em geral; pai-de-santo; a origem é controversa sendo, para alguns estudiosos originária do quimbundo, e para outros do idioma iorubá.

**BABACA** – Tolo; boboca.

**BAGUNÇA** – Baderna, desordem.

**BALANGANDÃS** – Enfeites, originalmente de prata ou de ouro, usados em dias de festa.

**BAMBAMBÁ ou BAMBA** – Maioral, bom em quase tudo que faz.

**BAMBERÊ** – Cantiga de ninar entoada por negras velhas da Região Amazônica. (“Bamberê, bamberá / criança que chora quer mamá / Moça que namora quer casá / Galinha que canta quer botá / Bamberê, bamberá)

**BAMBOLÊ** – Aro de plástico ou metal usado como brinquedo.

**BANCAR** – Fazer o papel de; fazer-se de.

**BANGÜÊ** – Padiola de cipós trançados na qual se leva o bagaço da cana.

**BANGUELA** – Desdentado. Os escravos trazidos do porto de Benguela, em Angola, costumavam limar ou arrancar os dentes superiores.

**BANGULÊ** – Dança de negros ao som da puíta, palma e sapateados.

**BANTO** – Nome do grupo de idiomas africanos em que a flexão se faz por prefixos.

**BANTOS** – Povos trazidos do sul da África, principalmente de Angola e Moçambique, que espalharam sua cultura, idiomas e modos.

**BANZAR** – Meditar, matutar.

**BANZÉ** – Confusão.

**BANZO** – Tristeza fatal que abatia os escravizados com saudades de sua terra natal.

**BAOBÁ** – Árvore de tronco enorme, reverenciada por seus poderes mágicos.

**BATUQUE** – Dança com sapateado e palmas, com som de instrumentos de percussão. É uma variante das rodas de capoeira, praticada pelos negros trazidos de Angola para o interior da Bahia. No sul do Brasil, é sinônimo de rituais religiosos e, no interior do Pará, é uma espécie de samba.

**BERIMBAU** – Instrumento musical, composto de um arco de madeira com uma corda de arame vibrada por uma vareta, tendo uma cabaça oca como caixa de ressonância.

**BIRITA** – Cachaça; gole de cachaça.

**BITELO** – Grande; de tamanho exagerado.

**BOBÓ** – Um tipo de purê feito de aipim ou inhame.

**BOCA-DE-PITO** – Pitada; tragada em cigarro, charuto ou cachimbo; disposição para fumar provocada pela ingestão de café ou bebida alcoólica.

**BOMBA** – Certo doce de forma cilíndrica ou esférica feito de massa cozida e glaçado na parte superior.

**BOROCOXÔ** – Molenga. Entristecido.

**BRUACA** – Espécie de mala ou sacola que se levava no lombo de animais.

**BUGIGANGA** – Objeto de pouco ou nenhum valor ou utilidade.

**BUNDA** – Nádegas, na língua falada pelos bundos de Angola.

**BÚZIOS** – Conchas marinhas usadas antigamente na África como moedas e, em nossos dias, em cerimônias religiosas e em jogos de previsão.

## C

**CAÇAMBA** – Balde para tirar água de um poço; local onde se depositam detritos.

**CACHAÇA** – Bebida alcoólica; pinga; durante muito tempo, os negros escravizados, banhados em suor, giravam manualmente as rodas dos engenhos de açúcar e, do vapor originário da fervura do caldo da cana, escorria pela parede e pingava do teto (daí o porque o nome “pinga”) a bebida de sabor clássico, que ardia nos olhos e foi batizada de “pinga”.

**CACHIMBO** – Tubo de fumar, com um lugar escavado na ponta para se colocar o tabaco.

**CACIMBA** – Poço ao ar livre, onde se retém a água da chuva para diversas finalidades. Cova que recolhe água de terrenos pantanosos.

**CAÇULA** – O mais novo.

**CACULÉ** – Cidade da Bahia.

**CACUNDA** – Corcunda. Corcova. Costas.

**CAFIFE** – Diz-se de pessoa que dá azar.

**CAFOFO** – Lugar que serve para guardar objetos usados; nos dias atuais, serve também para designar moradia pequena, mas aconchegante.

**CAFUÁ** – Esconderijo. Casebre.

**CAFUCA** – Centro; esconderijo.

**CAFUCHE** – Irmão do Zumbi.

**CAFUCHI** – Serra.

**CAFUNDÓ** – Lugar afastado, de acesso difícil.

**CAFUNÉ** – Coçar a cabeça de alguém.

**CAFUNGÁ** – Pastor de gado.

**CAFUZO** – Mestiço de negro e índio.

**CALANGO** – Lagarto. Dança afro-brasileira.

**CALOMBO** – Inchaço. Quisto, doença.

**CALUMBÁ** – Planta

**CALUNDU** – sm. Mau humor; amuo.

**CALUNGA** – sf. 1. Coisa qualquer de tamanho reduzido. 2. Boneco pequeno. O mar; boneca carregada pelas damas do paço nos desfiles de reis e rainhas dos Maracatus de nação em Pernambuco; símbolo da realeza e do poder dos ancestrais.

**CAMUNDONGO** – Rato pequeno.

**CANDOMBLÉ** – Casas ou terreiros de diferentes nações – Angola, Congo, Jêje, Nagô, Ketu e Ijexá – onde são praticados os rituais trazidos da África. Esses cultos são dirigidos por um Babalorixá (pai-de-santo) ou por uma Ialorixá (mãe-de-santo). Um dos mais tradicionais é o de Gantois, em Salvador, na Bahia. No passado, o candomblé foi muito perseguido.

**CANDONGA** – Intriga, mexerico.

**CANGA** – Tecido com que se envolve o corpo. Peça de madeira colocada no lombo dos animais.

**CANJERÊ** – Feitiço, mandinga.

**CANJICA** – Papa de milho verde ralado.

**CAPANGA** – Guarda-costas. Bolsa pequena que se leva a tiracolo.

**CAPENGA** – Manco. Com andar de bêbado.

**CAPOEIRA** – Jogo de corpo, agilidade e arte, que usa técnicas de ataque e de defesa com os pés e as mãos. As rodas são acompanhadas por palmas, pandeiros, chocalhos, berimbaus e cânticos de marcação.

**CARIMBO** – Instrumento de borracha. Marca. Sinal.

**CARIMBÓ** – Tipo de dança afro-brasileira originária da região norte do Brasil.

**CARURU** – Iguaria da culinária afro-brasileira, feita com folhas, quiabos e camarões secos.

**CASSANGUE** – Grupo de negros da África.

**CATIMBA** – Manha. Astúcia.

**CATIMBAU** – Prática de feitiçaria.

**CATINGA** – Fedor; mau cheiro.

**CATITA** – Pequeno, baixo, miúdo. Nome dado no Nordeste a um ratinho novo.

**CATUNDA** – Sertão.

**CATUPÉ** – Cortejo afro-mineiro. As fardas de seus integrantes são enfeitadas de fitas, sendo que dançam e cantam acompanhados por instrumentos de percussão.

**CAXAMBU** – Grande tambor usado na dança harmônica.

**CAXANGÁ** – Jogo praticado em círculo. Os versos de uma velha cantiga, baseada nessa brincadeira, são bem populares.

**CAXIXÍ** – Chocalho pequeno feito de palha.

**CAXUMBA** – Inflamação das glândulas salivares.

**CAZUMBÁ** – Negro velho, personagem do Boi-Bumbá paraense.

**CAZUMBI** – Alma penada.

**CHILIQUE** – Desmaiar. “Ter um troço”.

**CHUCHU** – Fruto comestível.

**COCHILAR** – Breve soneca. Sono leve.

**CONGADAS ou CONGOS** – Danças dramáticas com enredo e personagens característicos, como reis, rainhas, príncipes, princesas, embaixadores, chefes de guerra e guerreiros, que se despedem, no final das apresentações, cantando.

**COQUE** – Bater na cabeça com o nó dos dedos. Tipo de penteado onde o cabelo é todo preso num arranjo único no alto da cabeça; há uma corrente que acredita ser o nome proveniente do inglês “cock”, que significa galo, e outra que associa o nome a barulho que é feito e também ao “galo” na cabeça.

**CUBATA** – Choça de pretos; senzala. Palhoça

**CUÍCA** – Instrumento musical que emite um ronco peculiar.

**CUMBA** – Forte, valente.

**CUMBE** – Povoação em Angola.

## D

**DENDÊ** – Fruto de uma palmeira (dendezeiro), de onde é extraído o azeite.

**DENGO** – Gesto de carinho. Manha, birra.

**DENGOSO** – Manhoso. Chorão.

**DIAMBA** – Um tipo de erva alucinógena.

## E

**EBÓ** – Oferenda feita aos orixás para se resolver os mais diferentes desejos e problemas.

**EFÓ** – espécie de guisado de camarões e ervas, temperado com azeite de dendê e pimenta.

**EMBALAR** – Acalentar; balançar; fazer adormecer.

**EMPACAR** – Não continuar. Não prosseguir. Diz-se quando o animal firma teimosamente as patas para não prosseguir viagem.

**ENCABULAR** – Envergonhar-se. Ficar vexado por algum motivo.

**ENGABELAR** – Enganar. Iludir jeitosamente. Trapacear. Engodo. Embuste.

**ESCANGALHAR** – Desordem. Confusão. Desmantelo. Dano causado por estrago.

**ESPANDONGADO** – Desajeitado. Defeituoso. Arruinado. Desarrumado. Relaxado. Descomedido. Arreliado.

**EXU** – Divindade que é considerada o intermediário entre o Céu e a Terra. Aquele que está em todos os lugares. Dono das encruzilhadas. Representa a ambivalência humana, os comportamentos e desejos contraditórios.

## F

**FAROFA** – Mistura de farinha com água, azeite ou gordura.

**FOFOCA** – Intriga. Mexerico

**FUÁ** – Briga. Rolo. Desordem. Intriga. Diz-se também do equino arisco.

**FUBÁ**: Farinha de milho.

**FULEIRO** – Reles. Ordinário. Sem Valor. Farrista.

**FULO**: Irritado. Zangado.

**FURDUNCIO** – Também pronunciado e escrito como “Forduncio”, significa festança popular. Divertir-se com alarido. Barulho. Desordem.

- FUNGAR** – Fazer ruído com o nariz ao inspirar o ar. Assoar o nariz. Coriza na fossa nasal. Fuçar.
- FUTUM** – Mau cheiro. Fedor. Peixe morto na superfície da água.
- FUXICO** – Falar mal dos outros. Artesanato popular feito com pedaços de panos. Costurar superficialmente. Alinhavar. Amarrutar.
- FUZARCA** – Farra. Desordem. Bagunça.
- FUZUÊ** – Festa. Confusão. Turbilhão nas águas de um rio.
- G**
- GALALAU** – Pessoa muito alta.
- GAMBÉ** – Designação de um policial na gíria dos travestis, menores e delinquentes em geral.
- GANDAIA** – Farra. Bagunça. Vadiagem. Ofício de trapeiro. Pessoa sem préstimo. Inerte.
- GANGA ZUMBA** – Título dado aos chefes guerreiros. Um dos mais famosos líderes da confederação de Quilombo dos Palmares, na Serra da Barriga, em Alagoas.
- GANZÁ** – Chocalho.
- GARAPA** – Caldo da cana. Bebida formada pela mistura de mel-açúcar-água.
- GERINGONÇA** – Coisa malfeita e de duração precária. Objeto ou coisa estranhos cujo nome e finalidade não se conhece. Gíria – Bamboleio. Balanço com o corpo. Dançar com o corpo ao som de uma música ou instrumento. Movimento corporal na capoeira, na dança e no futebol. Sacerdotisa do culto Omolocô. Remo que se usa para fazer a embarcação balançar.
- GINGA** – Movimento corporal na capoeira, na dança e no futebol.
- GOGÓ** – Pomo-de-Adão. Garganta. Laringe
- GONGUÊ** – Instrumento musical semelhante ao agogô.
- GOROROBA** – Comida feita com restos de diversos alimentos. Diz-se também do indivíduo lento, molengão ou covarde.
- GRIGRI** – Amuleto que protege o seu possuidor.
- GUANDU** – O mesmo que andu (fruto do anduzeiro), ou arbusto de flores amarelas, tipo de feijão comestível.
- GUIMBA** – Resto ou ponta do cigarro.
- H**
- HÃ** – Interjeição de surpresa, espanto ou de admiração entre os Iorubás. Manifestação de incompreensão. Não entendimento.
- I**
- IAIÁ** – Tratamento dado às moças e meninas na época da escravidão. Na Luanda antiga, era o tratamento respeitoso que as filhas e netas dos escravos davam às patroas.
- IEMANJÁ**: deusa africana, a mãe d'água dos iorubanos.
- IMPALA** – Espécie de antílope africano. O nome batizou também um modelo de automóvel da Chevrolet.
- INHAME** – Designação comum de um tipo de tubérculo comestível menor que a mandioca; homem de corpo defeituoso. Coisa ou objeto disforme ou deformada.
- IORUBANO** – Habitante ou natural de Ioruba (África).
- J**
- JABÁ** – Suborno oferecido a programador de emissora de rádio ou televisão para que inclua na programação determinada obra musical. Certo tipo de abóbora.
- JABACULÊ** – Gorgeta. Propina. Dinheiro.
- JAGUNÇO** – Capanga. Combatente das forças de Antonio Conselheiro na Guerra de Canudos. Cangaceiro.
- JEGUEDÊ** – Dança negra.
- JERERÊ** – Nome dado ao cigarro de maconha. Fáfca. Centelha.
- JERIBATA** – Alcool; aguardente.
- JILÓ** – Fruto verde de gosto amargo.
- JONGO** – Dança tradicional afro-brasileira.
- L**
- LAMBADA** – Golpe dado com o chicote, tabica ou rebenque. Copo ou gole de bebida alcoólica. Dança de salão de origem amazônica. Significa bater, castigar, ferir, atingir com golpe ou pancada.
- LAMBANÇA** – Desordem. Sujeira. Serviço malfeito. Embuste. Trapaça em conversa ou jogo.
- LAMBÃO** – Indivíduo que não sabe lidar com as coisas sem sujar-se.
- LAMBUJA** – Vantagem que um jogador concede ao parceiro ou rival. Aquilo que se ganha ou dá além do combinado.
- LAPADA** – Lambada. Bofetada. Espécie de pá semelhante ao remo.
- LARICA** – Apetite desenfreado após a ingestão da maconha. Dificuldade. Aperto. Apuro.
- LENGA-LENGA** – Conversa, narrativa ou discurso enfadonho.
- LERO-LERO** – Conversa fiada. Palavreado vazio.
- LIBAMBO** – Bêbado (pessoas que se alteram por causa da bebida).
- LUNDU** – Primitivamente dança africana.

**M**

**MAASSAGANA** – Confluência, junção de rios em Angola.

**MACULELÊ** – Folgado popular de origem baiana, misto de jogo de dança com bastões ou facões.

**MACUMBA** – Nome pejorativo dado aos cultos afro-brasileiros. Audaz. Ousado. Certo tipo de reco-reco. Cada uma das filhas de santo nos terreiros de origem Banta. Antigo jogo de azar. Antiga denominação que se dava à maconha.

**MACUMBEIRO** – adj. sm. Diz-se de, ou praticante da macumba. .

**MALUCO** – Alienado mental. Endoidecido.

**MALUNGO** – Título que os escravos africanos davam aos que tinham vindo no mesmo navio; irmão de criação.

**MAMONA** – Fruto da família das esforbiáceas. Rícino.

**MAMULENGO** – Fantoche. Teatro de fantoches.

**MANDINGA** – Bruxaria. Feitiço. Talismã. Qualidade de jogo de capoeira.

**MANGAR** – Zombar. Caçoar.

**MANGUE** – Comunidade geográfica localizada em áreas onde o solo é formado por uma lama escura e mole. Terreno lamacento.

**MANHA** – Choro infantil sem causa. Birra. Malícia. Ardil. Artimanha. Habilidade manual.

**MARACATU** – sm. Oriundo da região do Estado de Pernambuco (PE), é um cortejo carnavalesco que segue uma mulher que, num bastão, leva uma bonequinha enfeitada, a calunga. 2. Certo tipo de dança afro-brasileira. Em Recife/PE, os maracatus de nação representam embaixadas africanas com todo o séquito real.

**MARACUTAIA** – Trapaça. Embuste. Engodo. Golpe.

**MARAF(A)** – Vida desregrada. Licenciada. Cachaça. Vinho. Diz-se também do tipo de vida, por exemplo: “Viver na marafa...”, viver entregue ao vício da bebida e da vadiagem.

**MANO** – Tratamento respeitoso entre os antigos sambistas cariocas (“Mano” Elói, “mano” Décio etc.). Irmão.

**MARIMBA** – Peixe do mar. 2. Artifício de amarrar uma linha a algum objeto (pedra, garrafa, etc) para resgatar pipas onde não se alcança com as próprias mãos (RJ).

**MARIMBONDO** – Certo tipo de vespa.

**MATUTO** – Indivíduo que vive no mato. Na roça. Pessoa ignorante e ingênua.

**MAXIXE** – Fruto do maxixeiro. Certo tipo de chuchu espinhoso. Dança brasileira de salão.

**MIÇANGA** – Conta de vidro miúda. Ornatos feitos com esse tipo de conta. Colar.

**MILONGA** – Desculpas descabidas. Manhas. Dengues. Mexericos. Intrigas. Feitiço. Sortilégio Bruxedo. 2. Música e dança de origem platina.

**MINGAU** – Papa de farinha de cereais com leite, açúcar e outros ingredientes. Em língua oeste-africana, era um tipo de milho cozido em água e sal. Na linguagem Banta, é o ato de molhar o pão no pirão ou molho. (**Retificação: Esta palavra vem do Tupi**).

**MOCAMBO** – Cabana. Palhoça. Habitação miserável. Couto de escravos fugidos na floresta.

**MOCHILA** – Alforge. Bernal que se leva às costas.

**MOCORONGO** – Mulato escuro. Caipira. Indivíduo natural de Santarém/PA. Palhaço da folia de reis. Mosquito transmissor do impaludismo.

**MOCOTÓ** – Pata de bovino utilizada como alimento. Tornozelo.

**MOLAMBO** – Trapo. Pano velho rasgado ou sujo. Roupas esfarrapadas. Indivíduo fraco e sem caráter. Corpo velho, cansado, moído.

**MOLENGA** – Mole. Indolente. Preguiçoso. Medroso e covarde.

**MOLEQUE** – Negrinho. Indivíduo irresponsável. Canalha. Patife.

**MONDONGO** – Indivíduo sujo e desmazelado. Boneco de pano sem governo.

**MONGO** – Sujeito bobo. Moleirão. Débil mental.

**MOQUECA** – Guisado de carne ou peixe tradicional da culinária afro-brasileira.

**MORINGA** – Garrafão ou bilha de barro para conter e refrescar água potável. Cântaro.

**MUAMBA** – Cesto ou canastra para transporte de mercadorias. Furto de mercadorias nos portos. Contrabando. Negócio escuso. Do Quimbundo: Carga.

**MUCAMA** – Escrava doméstica. Concubina. Escrava que era amante do seu senhor.

**MULUNGA** – Árvore.

**MUNGUZÁ** – Iguaria feita de grãos de milho cozido, em caldo açucarado, às vezes com leite de coco ou de gado. O mesmo que canjica.

**MUQUIFO** – Lugar sujo e em desordem. Palavra ligada ao Kicongo, significa também latrina. Casebre. Choupana

**MURUNDU** – Montanha ou monte; montículo; o mesmo que montão.

**MUTAMBA** – Árvore.

**MUTRETA** – Trapaça. Confusão.

**MUVUCA** – Confusão. Algazarra.

**MUXIBA** – Pelanca. Pedacos de carne magra. Retalhos de carne que se dá aos cães. Mulher feia. Bruxa. Seios flácidos de mulher.

**MUXINGA** – Açoite; bordoadada.

**MUXONGO** – Beijo; carícia.

**N**

**NENÊ** – Criança recém-nascida ou de poucos meses. Provém do Umbundo “nene”, que quer dizer pedacinho, cisco.

**O**

**ODARA** – Bom. Bonito. Limpo. Branco. Alvo.

**OGUM ou OGUNDELÊ** – Deus das lutas e das guerras.

**ORIXÁ** – Divindade de religiões afro-brasileiras. Divindade secundária do culto jejênago, medianeira que transmite súplicas dos devotos suprema; divindade desse culto; ídolo africano.

**P**

**PAMONHA** – Certo tipo de iguaria derivada do milho. Diz-se também da pessoa molenga. Inerte. Desajeitada. Preguiçosa. Lenta.

**PATOTA** – Turma. Grupo.

**PENDENGA** – Litígio. Rixa. Contenda.

**PERRENGUE** – Dificuldade ou aperto financeiro. Diz-se também da pessoa fraca. Covarde. Animal imprestável.

**PIMBA** – Pênis de menino

**PINDAÍBA** – Falta de dinheiro. Miséria feia. (**Atualização: Esta palavra é de origem Tupi**).

**PINGA** – Aguardente extraída do caldo da cana.

**PIRÃO** – Papa grossa de farinha de mandioca. (**Atualização: Esta palavra é de origem Tupi**).

**PITO** – Cachimbo. Cigarro. Repreensão. Censura. Dar bronca.

**PITOCO** – Objeto ou utensílio o qual já falta uma parte essencial. Parte amputada ou a restante no corpo humano.

**PUITA**: corpo pesado usado nas embarcações de pesca em vez fateixa.

**Q**

**QUEIMANA** – Iguaria nordestina feita de gergelim .

**Quenga** – Guisado de quiabo com galinha. Mulher prostituída. Meretriz.

**QUENGO** – Cabeça. Região próxima da nuca.

**QUIABO** – Fruto de forma piramidal, verde e peludo.

**QUIBEBE** – Papa de abóbora ou de banana.

**QUIBUNGO** – Invocado nas cantigas de ninar, o mesmo que cuca, festa dançante dos negros.

**QUILOMBO** – Valhacouto de escravos fugidos. 2. Quer dizer acampamento ou fortaleza. Folguedo popular alagoano em forma de dança dramática.

**QUIMBEBÉ** – Bebida de milho fermentado.

**QUIMBEMBE** – Casa rústica, rancho de palha.

**QUIMGOMBÓ** – Quiabo.

**QUINDIM** – Doce feito com a gema do ovo, côco e açúcar. Na Bahia significa também meiguice, denço, encanto, carinho.

**QUITUTE**: Comida fina, iguaria delicada. Iguaria. Acepipe. Canapé.

**QUIZÍL(IA)** – Antipatia ou aborrecimento. Ojeriza. Aversão. Implicância.

**QUIZUMBA** – Confusão. Briga.

**R**

**REQUENGUELA** – Engelhado. Encolhido. Tímido. Fraco. Sem substância.

**S**

**SAMBA** – Dança cantada de origem africana de compasso binário (da língua de Luanda, semba = umbigada). Nome genérico de um ritmo de dança afro-brasileiro.

**SAPECA** – Diz-se de moça muito namoradeira ou assanhada. Diz-se também da criança muito arteira.

**SARAPATEL** – Guisado feito com sangue e miúdos de certos animais, especialmente o porco.

**SARARÁ** – Alourado. Arruivado.

**SARAVÁ** – Palavra usada como saudação nos cultos afro-brasileiros, significa “salve”.

**SENZALA**: alojamento dos escravos.

**SERELEPE** – Vivo. Buliçoso. Astuto. Esperto.

**SOBA** – Chefe de trigo africana.

**SONGAMONGA** – Pessoa dissimulada. Sonsa. Débil. Boba.

**SOVA** – Dar pancadas com a mão. Espancar.

**T**

**TAGARELA** – Pessoa que fala muito e à toa.

**TANGA** – Pano que cobre desde o ventre até as coxas.

**TANGO** – Dança argentina popularizada no Brasil, proveniente do espanhol “tango” e do Kimbundo “tangu” (pernada), que era uma forma de bailado de negros ao som de tambores e outros instrumentos.

**TRAMBIQUE** – Negócio fraudulento. Vigarice. Logro.

**TRIBUFÚ** – Maltrapilho. Negro feio.

**TU** – Diz-se do negro tido como sendo bruto. Boçal. Grosseiro. Oposto ao negro bom e passivo; “...Este samba/que é misto de maracatú/é samba de preto velho/ samba de preto TÚ...”; Pode ser também uma redução de Bantú.

**TUNDA** – Surra. Sova. Crítica severa.

**TUTANO** – Substância mole e gordurosa no interior dos ossos.

**TUTU** – Maioral. Manda-chuva. Indivíduo valente e brigão. Feijão cozido e refogado ao qual se vai adicionando farinha até dar a consistência de pirão. Dinheiro. Grana.Suborno. 2. Iguaria de carne de porco salgada, toicinho, feijão e farinha de mandioca.

**U**

**URUCUBACA** – Azar. Má sorte. Diz-se também de uma praga rogada por pessoa inimiga.

**URUCUNGO** – sm. Berimbau (instrumento musical).

**V**

**VATAPÁ** – sm. Da culinária (comida), iguaria de origem africana, à base de peixe ou galinha, com camarão seco, amendoim etc., temperada com azeite de dendê e pimenta.

**X**

**XARÁ** – Pessoa que tem o mesmo nome que outra.

**XENDENGUE**: magro, franzino.

**XEPA** – As últimas mercadorias vendidas nas feiras livres, mais baratas e de qualidade inferior. Sobras. Coisa inferior.

**XODÓ** – Amor. Sentimento profundo que se demonstra por algo ou alguém. Carinho.

**Z**

**Zabumba** – Tambor grande. Bumbo.

**ZAMBI ou ZAMBETA**: cambaio, torto das pernas. zumbi: sm. Fantasma que vaga pela noite, segundo lenda afro-brasileira. Nota: Nome do herói nacional Zumbi dos Palmares.

**ZANGAR** – Causar zanga (de zangado). Mau humor. Birra. Irritação. Diz-se também de coisa estragada ou azeda.

**ZANZAR** – Andar à toa. Sem destino.

**ZIQUIZIRA** – Doença ou mal-estar cujo nome não se conhece.

**ZOEIRA** – Conhece-se também por Azueira. Algazarra. Falatório.

**ZOMBAR** – Tratar com descaso. Escarnecer. Gracejar.

**ZUNZUM** – Boatos. Cochichos. Mexericos.